

As Emoções Como Caminho Para Uma Epistemologia Complexa da Psicologia¹

Maurício S. Neubern²
Universidade de Brasília

RESUMO - A partir do estudo das emoções são desenvolvidas reflexões que apontam para a marcante influência do paradigma simplificador no estudo de objetos complexos da subjetividade humana, como também nos diversos momentos de construção do conhecimento. Os movimentos dominantes da terapia familiar apresentam-se como momentos importantes dessa discussão por apresentarem ao mesmo tempo potencialidades e limitações para a construção de uma epistemologia complexa. Diante disso, a partir das contribuições provenientes de diversas propostas epistemológicas além dessas, busca-se promover um conjunto de articulações iniciais para uma epistemologia complexa da psicologia que abranja não apenas uma compreensão das emoções e do cenário da construção do conhecimento, mas principalmente a integração da subjetividade do cientista como um momento fundamental da construção da ciência.

Palavras-chave: emoções; complexidade; epistemologia; subjetividade; terapia familiar.

Emotions as a Way for a Complex Epistemology of Psychology

ABSTRACT - As a result of the study of emotions, reflections have been developed pointing at the marking influence that the simplifier paradigm has on the study of complex objects on human subjectivity, besides its influence on the various moments of knowledge construction. The family therapy dominant moves are presented as important moments in this discussion, since they concurrently illustrate possibilities and limitations on the construction of a complex epistemology. On these grounds and considering the contributions from different epistemological proposals, there is an effort in trying to promote a set of initial articulations for a complex psychological epistemology, that may not only account for a complex understanding of emotions, but also comprehend the complexity of the setting of knowledge construction itself, and particularly integrate the scientist's subjectivity as a fundamental moment at the construction of knowledge.

Key words: emotions; complexity; epistemology; subjectivity; family therapy.

Uma das primeiras questões com que se depara a reflexão sobre as tradições presentes na construção do conhecimento em psicologia são as diversas limitações encontradas nas suas distintas expressões diante da complexidade do real. A psicologia parece padecer de tal dificuldade de uma forma singular, uma vez que, possuindo um objeto complexo de estudo (o ser humano, seu psiquismo, seu comportamento, objetos enfim nomeados conforme o sistema de idéias³ adotado) se vê, via-de-regra, constituída com base

em noções simplificadoras que implicam em consideráveis mutilações em seus objetos de estudo. Por um lado, as reduções e cortes de objetos de estudo implicam em unidades de análise cada vez mais atomizadas, isoladas de seu processo subjetivo⁴ e relacionadas entre si por procedimentos como a estatística, em geral pouco coerente com os processos de significação e sentido da subjetividade humana (Gonzalez Rey, 1997). Por outro lado, a psicologia enquanto ciência se vê em meio a um considerável campo de produção, caracterizado tanto pela pluralidade de teorias e metodologias como pelas poucas articulações e diálogos entre si. É nesse sentido que o problema das emoções encontra

1 O presente trabalho deriva da dissertação de Mestrado do autor defendida na mesma universidade em fevereiro de 1999 e intitulada: "Fragmentos Para Uma Compreensão Complexa da Terapia Familiar: Diálogos Epistemológicos Sobre as Emoções e a Subjetividade no Sistema Terapêutico." Agradecimentos aos amigos e mestres Dr. Fernando Gonzalez Rey, Dr^a Liana Fortunato Costa, à Dr^a Maria Fátima O. Sudbrack, à psicóloga Maria Helena Guerra Gomes Pereira pela tradução do *abstract* e à psicóloga Júlia Wenke Motta de Castilho pelo amadurecimento de muitas das idéias aqui presentes. Agradeço ainda à CAPES pelo apoio financeiro.

2 Endereço: SQS 411 Bl. C. apt ° 101 Brasília – D.F. CEP.: 70 277-030

3 Segundo Morin (1991/1998) sistemas de idéias "*constituem-se de uma constelação de conceitos associados de maneira sólida, cujo agenciamento é estabelecido por vínculos lógicos (ou com tal aparência) em virtude de axiomas postulados e princípios de organização subjacentes.*" (p. 163). Compõem-se de um núcleo irrefutável (axio-

mas, regras fundamentais e idéias mestras), um conjunto de subsistemas interdependentes (em que podem ser incluídas as teorias, metodologias, certos conceitos) que permite certa relação com o real e um dispositivo imunológico de proteção que consistem nos procedimentos e táticas de proteção e refutação contra os ataques ao sistema. Um conhecimento sobre o próprio conhecimento (epistemologia) que estude suas origens, pressupostos e cenários de surgimento é fundamental para o estudo dos sistemas de idéias.

4 O conceito de subjetividade aqui adotado é tomado de Gonzalez Rey (1997) e consiste em: "... *es la constitución de la psiquis en el sujeto individual, e integra tambien los procesos y estados característicos a este sujeto en cada uno de sus momentos de acción social, los cuales son inseparables del sentido subjetivo que dichos momentos tendrán*

seu espaço: da mesma forma que o objeto de estudo da psicologia – a subjetividade humana – encontra-se minuciosamente repartida entre inúmeros fragmentos, correspondentes a distintos sistemas de idéias, as emoções, enquanto processos constituídos subjetivamente ao longo de uma história com dimensões biológicas, individuais, sociais e culturais, encontram-se retalhadas entre numerosas perspectivas de estudo que, geralmente, colocam-se como única fonte explicativa sobre as mesmas e demonstram efetiva hostilidade quanto a propostas distintas de pensamento.

No entanto, o problema das emoções, como o da subjetividade de um modo geral, levanta ainda outras questões de considerável importância diante desse quadro. A primeira delas consiste em indagar até que ponto é possível afirmar que a psicologia, na maioria das vezes imbuída de um forte teor de inspiração do paradigma científico ocidental (Morin, 1991/1998; Santos, 1987), realmente efetivou estudos e teorizações condizentes com a complexidade da subjetividade humana. A segunda, semelhante à primeira, consiste em interrogar até que ponto a psicologia pôde desenvolver estudos e teorizações condizentes com a complexidade dos processos emocionais. Justificam-se tais questões, uma vez que sendo essencialmente complexos e demandando uma visão altamente singular de compreensão, freqüentemente esses processos têm sido mutilados como objetos de estudos e compreendidos sob uma ótica utilizada para outros objetos de estudo, como as propriedades da matéria, o computador, os demais seres vivos, dentre outros (Anderson & Goolishian, 1994/1996; Gergen, 1996; Gergen & Kaye, 1995/1998).

Contudo, ao invés de uma resposta direta e bem fundamentada a tais questões, busca-se, por outro lado, uma breve análise crítica sobre a construção do conhecimento em torno do problema das emoções pontuando como o paradigma simplificador do ocidente não propiciou uma visão complexa sobre tal processo e quais seriam alguns dos possíveis caminhos para a construção de uma compreensão epistemológica nesse sentido. A compreensão complexa, inspirada particularmente pela obra de Morin (1990/1996; 1991/1998), implica não apenas nas possíveis articulações entre as distintas contribuições, mas, principalmente, na contextualização dessas articulações no cenário de questões epistemológicas fundamentais como as que dizem respeito às disjunções clássicas do paradigma ocidental, como a relação sujeito-objeto (Morin, 1991/1998; Santos, 1987). Sobre este ponto, o presente artigo levanta, a partir do estudo das emoções, problemas de considerável importância, sobretudo os que visam uma nova qualificação para a condição humana na ciência.

A terapia familiar, por sua vez, apresenta considerável valor nessa discussão basicamente por um motivo: em suas diversas influências (pós-modernas, construtivistas e ciber-

néticas) apresenta um paradoxo na medida em que promove rupturas significativas com o paradigma dominante, mas cessa seu desenvolvimento nesse sentido para novamente se atrelar ao seu domínio de simplificação. Desse modo, entende-se que seus desenvolvimentos teóricos e epistemológicos, uma vez que se direcionam rumo à complexidade, podem contribuir significativamente para a construção de noções complexas, desde que se proceda também no sentido de conhecer e problematizar os obstáculos epistemológicos que continuamente subjugam-na ao paradigma dominante. Logo, uma análise crítica dessas contradições pode lançar luz tanto sobre o aproveitamento do potencial e das contribuições já desenvolvidas, como levantar os tipos de obstáculos epistemológicos então presentes.

As Emoções e o Paradigma Simplificador da Ciência

Segundo Morin (1991/1998), os paradigmas, inscrevendo-se no núcleo dos sistemas de idéias, determinam a formação de idéias-chaves e conceitos mestres, como também as regras e formas de associação entre elas. Constituindo-se em um momento central do conhecimento, o paradigma se faz invisível e inatacável diretamente, favorecendo uma visão da realidade que é tomada como certa e, ao mesmo tempo, ocultando-se enquanto momento central e determinante. Toda essa forma complexa e, segundo certos autores (Morin, 1991/1998; Santos, 1987), obscura e poderosa de influência do paradigma na construção do conhecimento ganhou no ocidente uma característica singular: a partir do *Cogito* de Descartes culminou-se uma tendência da época em se estabelecer uma rígida divisão entre o que seria ciência e o que não seria, como entre o que competiria à sua alçada e o que deveria ser colocado como objeto de especulação em outros campos de estudo. Dessa forma, de um lado da divisão estabeleceu-se o conhecimento científico tido como um conhecimento superior que era capaz de permitir avanços até então inimagináveis de controle do homem sobre a natureza, colocando-o como senhor desta (Santos, 1987). O conhecimento objetivo, a estatística e a linguagem técnica e prosaica permitiam um estudo confiável sobre os movimentos dos corpos e leis gravitacionais, sem contar no considerável esforço de “purificação” exercido sobre certas ciências e objetos de estudo: a medicina, livre de noções místicas como a de fluidos vitais; as reações químicas, libertas dos sortilégios da alquimia; e os movimentos dos astros, divorciados das superstições astrológicas. Do outro lado da divisão encontrava-se o reino da subjetividade, do sujeito, das relações humanas, dos movimentos sociais, das instituições, da espiritualidade, dentre outros que, possuindo um tipo distinto de rigor, permitiam também uma linguagem poética e outras formas de expressão. Nesse eixo situavam-se disciplinas como a filosofia, o direito, a teologia, as artes e, um dos principais inimigos da ciência, o senso-comum.

Desse modo, as ciências humanas e a própria psicologia parecem encontrar um considerável dilema desde o início de seus nascimentos enquanto ciências: visam estudar

para él. Simultáneamente la subjetividad se expresa a nivel social como constituyente de la vida social, momento que hemos designado como subjetividad social, y no se diferencia de la individual por su origen sino por el escenario de su constitución.” (p. 83)

objetos de estudos ligados a processos sociais e subjetivos (como as emoções) que se encontram em um eixo da divisão do paradigma ao mesmo tempo em que aspiram se constituírem de acordo com os procedimentos confiáveis e válidos do conhecimento científico, localizado no eixo oposto de tal divisão. A própria questão epistemológica do conhecimento do real parece agravar ainda mais o dilema ao determinar um conjunto de noções específicas para tal conhecimento. Semelhante questão sustenta que a realidade é fixa, ordenada e a-histórica e se organiza em torno de leis invisíveis e universais (Gonzalez Rey, 1997; Vasconcellos, 1995) que, uma vez conhecidas, podem permitir a previsão e o controle dos fenômenos. A complexidade é compreendida como uma aparência do real (Morin, 1990/1996); mais que isso todo esse conjunto de aspectos interligados - as condições iniciais - devem ser desprezadas para que se aprendam os mecanismos invariáveis dessas leis (Santos, 1987). Desse modo, desde que se possua uma metodologia adequada aliada a uma teorização coerente com as exigências científicas, pode-se depurar o conhecimento afastando dele tudo aquilo que é ambíguo, contraditório e imprevisível, para se chegar a um conhecimento direto e isomórfico do real (Gergen, 1996; Gonzalez Rey, 1997).

Nessa perspectiva de substituir o visível complicado pelo invisível simples, o pensamento científico operou preferencialmente de forma disjuntiva (Morin, 1991/1998). O conhecimento se dá como objetivo devido à pretensão de afastar toda e qualquer influência subjetiva, como as emoções consideradas comumente como fontes de erro (Gonzalez Rey, 1997). Além da separação sujeito-objeto, as disjunções atingem também as separações estanques entre as disciplinas, entre os momentos de produção do conhecimento (teoria/metodologia), entre os momentos práticos e teóricos (pesquisa básica/aplicada) e no isolamento do objeto de seu contexto. Os objetos são comumente divididos em unidades de análise cada vez mais atomizadas de modo a serem relacionados tão somente por meio das correlações e procedimentos estatísticos. Além da disjunção, o paradigma simplificador impôs também como regra de associação lógica para a construção do pensamento uma perspectiva de redução, segundo a qual a multiplicidade aparente e inapropriada para a abordagem científica deve ser reduzida a uma única forma de compreensão (Morin, 1991/1998). No entanto, embora entre as visões reducionistas se reconheça a existência de outras fontes explicativas, elas frequentemente se concebem com pouca simpatia e consideram as possibilidades de articulação como utópicas.

Toda essa considerável presença do paradigma, embora oculta e praticamente insondável, atingiu de forma significativa o estudo das emoções. Na tentativa de retalhar o real em unidades relevantes e confiáveis, estabelecem-se diversas operações isomórficas. As palavras correspondem direta e respectivamente à tais unidades, como também suas propriedades arbitrariamente ressaltadas podem corresponder a números (Gergen & Kaye, 1995/1998). No entanto, um dos pontos fundamentais para tanto é a crença axiomática dessa correspondência isomórfica. Como comenta

Pasquali (1997), é possível atribuir número aos fenômenos naturais "... se nesta designação se salvarem tanto as propriedades estruturais do número quanto as características próprias dos atributos dos fenômenos empíricos" (p. 29). O estudo das emoções, como de qualquer processo subjetivo, seria então definido em termos de um objeto de interesse psicológico (sistema ou objeto de estudo) que implicaria em estruturas latentes (traços) portadoras de propriedades e passíveis de mensuração, em função de uma relação isomórfica com comportamentos verbais ou motores - os únicos acessíveis à observação científica (Pasquali, 1997). Tal perspectiva desconsidera o caráter irregular, processual e contraditório presente nas emoções que, segundo Gonzalez Rey (1997), não se esgota em nenhum outro sistema subjetivo, embora interaja com eles, nem tampouco estabelece relações isomórficas com os mesmos ou com quaisquer comportamentos observáveis.

No entanto, malgrado a autoridade axiomática em que a psicometria e outros pensamentos se baseiam, é justamente por um questionamento dessas bases que se rompe com uma noção fundamental presente, mesmo que de forma escamoteada, em importantes pensamentos da psicologia: a ciência não consiste em um retrato fiel da realidade. Ela remonta muito mais à uma construção, ao mesmo tempo individual e coletiva, que gera realidades na forma de conceitos, cosmovisões e pressupostos. Em outras palavras, esse tipo de discussão abre espaço para que se conceba a ciência não como um monumento erigido à objetividade sem máculas, mas à uma obra humana, histórica e socialmente construída que implica em considerar a própria objetividade como um momento construído intersubjetivamente (Morin, 1983; 1991/1998). É numa perspectiva semelhante que Kuhn (1970/1996) introduz o debate sobre os paradigmas e as comunidades científicas e que, mais recentemente, Gergen (1996) propõe a idéia dos significados partilhados nos "núcleos de inteligibilidade". Na mesma via de discussão pode-se sustentar que o isomorfismo com que se pretende conceber o estudo das emoções não encontra qualquer respaldo objetivo, mas apenas ganha sentido dentro das comunidades que partilham tais significados e constroem metáforas, no dizer de Anderson e Goolishian (1994/1996), para a compreensão do mundo. A corriqueira metáfora da substancialização do psiquismo implicou na compreensão dos processos psíquicos dentro de noções específicas de realidade consagradas ao estudo do mundo físico. Tal se dá tanto com as noções isomórficas da psicometria, como com o aparelho psíquico da psicanálise que se inspira no mecanicismo do movimento dos fluidos. Diversos autores, como Anderson e Goolishian (1994/1996) e Gergen e Kaye (1995/1998), têm apresentado críticas incisivas a tais concepções, ressaltando a necessidade de uma proposta que contemple especificamente os processos humanos.

As operações disjuntivas e reducionistas também sempre apareceram como marcantes, ao longo da história da psicologia, no estudo das emoções. É possível que a ausência de uma teoria mais ampla e dominante sobre a subjetividade tenha contribuído sobremaneira para as diversas

mutilações efetivadas sobre tal fenômeno. A partir da concepção estruturalista de Titchener (Schultz & Schultz, 1975/1981), alguns pontos relevantes, comumente presentes em diversas escolas psicológicas, podem ser destacados para ilustrar semelhantes operações de pensamento. Os processos da consciência deveriam, a princípio, ser reduzidos a elementos ou unidades mais simples de análise de maneira que processos como o amor, o ódio ou a tristeza, para serem qualificados na pauta científica de estudo, deveriam ser decompostos em suas unidades básicas. Outras condições importantes para tais estudos eram a busca de leis gerais para a explicação das emoções e a elucidação de suas bases fisiológicas. No entanto, ao se delimitar, em nome da depuração objetiva dos procedimentos, a atomização das unidades básicas, excluía-se as múltiplas interações que tais processos desempenhavam com os demais sistemas subjetivos que implicam em irregularidades (ao contrário da ordem desejada), em contradições (ao invés da unidade buscada) e imprevisibilidade (ao invés das caras noções de controle e previsão). Desse modo, verificava-se que, embora abrangente, o procedimento científico não tomava a emoção como um processo em si que não se esgota em outros processos, mas como um processo da consciência a ser reduzido a unidades básicas isoladas entre si ou à suas bases fisiológicas. Gonzalez Rey (1997) sustenta que tal tendência ainda é presente na psicologia, mesmo nos movimentos mais recentes, de modo que a emoção comumente é reduzida à outra dimensão humana como os processos fisiológicos ou as construções da linguagem. Outra consequência importante liga-se com a freqüente desconsideração sobre o sujeito, sua história e seus contextos relacionais, de modo que a qualificação do emocional ocorre em um cenário distante de seu cotidiano – o laboratório. No entanto, mesmo em um ambiente mais íntimo e aconchegante como a clínica, deve-se levantar que as noções universais tomadas *a priori* para a definição de conteúdos (como o Édipo da psicanálise ou as noções cibernéticas de primeira ordem) também consistem muitas vezes em uma desconsideração do emocional dos sujeitos, uma vez que, ao invés de buscarem compreender tais processos em sua singularidade histórica, subjetiva e relacional, preferencialmente impõem uma narrativa teórica aos mesmos (Anderson & Goolishian, 1988; Gonzalez Rey, 1997; Gergen & Kaye, 1995/1998).

Desse modo, ao mesmo tempo em que busca contemplar uma das dimensões fundamentais do homem, a ciência o afasta do cenário de estudo. Há uma incoerência na própria condição do homem no paradigma dominante: ao mesmo tempo em que é o senhor da natureza, capaz de controlá-la e prever seus movimentos, ele é rejeitado na sua condição humana. Ganha sentido, então, a colocação de Gonzalez Rey (1997) em que as emoções são consideradas como fonte de erro, pois quando o foco se dá no sujeito da pesquisa ou no sujeito pesquisador (enfim, nos homens que participam e constroem tal estudo), diversas condições são levantadas para que o aspecto subjetivo e desordenado não coloque em risco a validade do procedimento. Quanto

ao sujeito pesquisador os cuidados são ainda maiores, pois uma vigilância implacável se faz necessária para se evitar o malogro. A linguagem científica é, via-de-regra, impessoal, emitida em terceira pessoa; o mundo interno do pesquisador é desprezado em sua qualidade subjetiva, pouco importando suas opiniões informais, seus desejos e aspirações, mesmo que tais dimensões atuem decisivamente em sua produção; se algum fato acidental e imprevisível, como um sonho, ajuda no desencadeamento da solução de um problema de grande importância é concebido como mera e curiosa artimanha do acaso e nada mais. Em outras palavras, a subjetividade do pesquisador torna-se um terreno proibido.

Todo esse quadro de distanciamento que o problema das emoções introduz traz à tona uma questão de grande importância: ao afastar o homem do cenário científico a ciência promete estudá-lo, mas também omite-se ao não lhe trazer importantes respostas. É por esse motivo, mesmo que não se responda à pergunta sobre até que ponto a psicologia efetivou um estudo sobre as emoções, pode-se sustentar ao menos que o tal estudo consiste em uma questão de desencanto, conforme levantado por Prigogine e Stengers (1984/1997):

A ciência desencanta o mundo; tudo aquilo que descreve se encontra irremediavelmente reduzido a um caso de aplicação de leis gerais, desprovidas de interesse particular. O que, para gerações passadas, havia sido uma fonte de alegria ou de admiração seca à sua aproximação (...) O que a ciência clássica toca, seca e morre. Morre para a diversidade qualitativa, para a singularidade, para a simples consequência de uma lei geral. (pp. 22 e 39).

Especificamente quanto ao estudo das emoções, o pessimismo científico contribuiu para a construção de um conjunto de representações de considerável teor pejorativo. Além de ser considerada potencialmente subversiva para a empresa científica (Neubern, 1999a) ela conta ainda com um conjunto de atribuições também presentes nos campos profissionais e de senso-comum, conforme ressaltado por Mahoney (1991): 1) processos compreendidos como segregados dos processos mentais “superiores” e relegadas a níveis inferiores ou animais; 2) forças primárias que movem os sujeitos a atos irracionais e potencialmente destrutivos; 3) “*primer movers*” nas interações com pensamento e com as ações; 4) promovem influência desorganizadora na adaptação e no comportamento humanos; 5) emoções “negativas” como medo, ódio e depressão são particularmente perigosas e, portanto, indesejáveis; 6) a maioria dos esforços profissionais que lidam com pacientes crônicos de intensas emoções é o de buscar a descarga, por um lado, o controle, a eliminação e a regulação, por outro, e, em último caso, o entendimento das mesmas (p. 190).

É dentro desse contexto que numerosos autores ressaltam e propõem, em diferentes níveis, reformulações significativas no cenário da psicologia a fim de conceberem uma noção de homem distinta com os próprios avanços científicos do século. A psicologia, em numerosos de seus setores,

ainda apresenta um homem do século passado que muitas vezes parece aturdido ante um novo mundo descortinado pela física moderna. Um dos principais níveis de reformulação é o epistemológico em que a criticada noção objetiva é substituída por um conhecimento construído, seja nos cenários sociais (Gergen, 1996; Gergen & Kaye, 1995/1998), seja por uma relação dialética e complexa com o real que envolve indivíduos e comunidades (Gonzalez Rey, 1997; Mahoney, 1991; Guidano, 1994; Morin, 1990/1996; 1991/1998). Malgrado as diferenças, enfatiza-se também uma abrangência maior para a questão, extrapolando a simples e isolada questão individual, buscando tocar os aspectos ideológicos, políticos, morais, econômicos e sócio-culturais envolvidos (Santos, 1989; Gergen, 1996, Gonzalez Rey, 1997; Morin, 1991/1998), as possíveis aproximações com outros ramos do conhecimento (Santos, 1987; Morin, 1990/1996; 1991/1998; Demo, 1997) e formas de abordagem e intervenção que buscam uma aproximação e participação distinta dos sujeitos estudados, procurando compreender suas cosmovisões, valores e potenciais para lidar com os dilemas cotidianos (Costa, 1998; Demo, 1997). Contudo, especificamente no que se refere ao tema das emoções, embora existam propostas de diferentes formas de compreensão, alguns pontos podem ser destacados. A princípio, torna-se necessária a criação de um contexto epistemológico, teórico e metodológico que permita as distintas expressões subjetivas em que as emoções se organizam para serem qualificadas numa linguagem coerente com sua complexidade. Tal contexto implica em um diálogo inacabado e emocionalmente vinculado que não descaracterize seus sentidos singulares nesses processos. A antiga divisão sujeito-objeto é relativizada, principalmente porque a própria subjetividade do pesquisador (como do observador da física) deixa de ser um terreno inexplorado, para se constituir no desafio de uma importante zona de sentido da empresa científica (Elkaïm, 1989/1990; Neubern, 1999a; Morin, 1991/1998). Inicia-se o percurso para um novo reencontamento.

A Terapia Familiar: Limites e Contribuições Para Uma Epistemologia Complexa

Pode-se destacar que os três grandes movimentos que contribuem epistemologicamente para o diversificado movimento da terapia familiar são a cibernética (entrelaçada com a sistêmica⁵), o construtivismo e a pós-modernidade.

A noção de que não se pode conceber uma realidade independente de um observador, mas que a realidade é construída por esse observador na interação com o mundo

(Bateson, 1998; Keeney, 1994) constitui-se em um dos passos mais importantes da cibernética para uma ruptura com o isomorfismo dominante na ciência. Após uma considerável influência simplificadora presente em seus primórdios como a noção de controle, de um conhecimento objetivo e de um sistema ordenado em padrões (Vasconcellos, 1995) passou-se a conceber que o conhecimento é construído a partir de elos recursivos entre o que é passível de descrição pelo observador e suas interpretações subjetivas sobre a realidade descrita. Em outras palavras, o observador conecta-se com o que observa e, ao se referir ao observado, refere-se a si mesmo. Embora não tenha desenvolvido uma teoria complexa sobre a subjetividade, o problema das emoções situa-se nesse ponto, isto é, em como as emoções do observador conectam-se com aquilo que se observa. Contudo, com a noção de que não se pode afirmar até que ponto se é subjetivo ou objetivo, mas apenas que a observação remete à ética do observador (Keeney, 1994), o próprio movimento cibernético parece ter esgotado o debate das relações com o real concentrando-se muito mais no mundo do observador. Tal concepção, de considerável valor no construtivismo radical, exclui a possibilidade epistemológica de uma participação ativa do real que não se esgote nas construções daquele que observa.

Já quanto à noção de sistema, que consiste em um dos principais pontos de discussão da cibernética, Morin (1990/1996) ressalta que, embora tenha abrangido uma generalidade em diversas ciências, ela não adquire um lugar epistemológico, uma vez que não funda uma forma radicalmente distinta de pensar. Em outras palavras, ela não se constitui enquanto conceito de um paradigma, onde estaria inserido num conjunto de relações com outros conceitos, mas vincula a idéia sistêmica com a noção substancialista de objeto, em que o sistema está ligado à uma noção de “coisa”, não sendo compreendida como um conceito. A noção de sistema torna-se, então, reducionista, pois tudo o que se concebe em termos de sistema é reconhecido em função do holismo que, comumente, exclui a diversidade e a singularidade das partes. Desse modo, um sintoma de abuso de drogas por um adolescente, que implica em dimensões sociais, econômicas, jurídicas e culturais, passa a ser compreendido exclusivamente em função dos conflitos familiares. Diante do obstáculo promovido pelo holismo sistêmico, as emoções também são enquadradas em seu reducionismo, pois não sendo reconhecidas como um processo subjetivo que mantém interações múltiplas com outros processos sem se esgotar neles, são justamente esgotadas na pauta interativa. A inexistência de uma teoria complexa da subjetividade contribui, nesse sentido, para que a compreensão das emoções se constitua em inúmeras indefinições ou em diversos isomorfismos (como quanto às expressões verbais).

Sendo assim, Morin (1990/1996) sustenta que torna-se necessário que se conceba o sistema em função do *Unitas Multiplex*, ou seja, do que é, ao mesmo tempo, uno e diverso, compreendendo um conjunto de relações complexas do todo consigo mesmo, das partes consigo mesmas e entre o

5 Embora se possa traçar uma distinção entre ambos (Keeney, 1994), as noções cibernéticas e sistêmicas serão aqui tratadas como equivalentes. É correto afirmar que entre as contribuições de Bateson (1998) e seus discípulos e as contribuições de von Bertalanffy (1968/1973) podem ser traçadas diferenças significativas. No entanto, para a grande maioria dos autores de terapia familiar tais diferenças não são consideradas.

todo e as partes. Neubern (1999a; 1999b), apropriando-se de um momento dessa idéia, propõe a noção de um sujeito hologramático que sintetiza singularmente em si as interações que desenvolve com vários “*todos*” sem se esgotar em nenhum deles. Desse modo, embora se possa compreender que o abuso de drogas encontra na família um momento fundamental de explicação ele remete a muitos outros contextos e processos que vão além dos limites familiares. A parte torna-se, nesse momento, maior que o todo, pois nenhum todo será capaz de esgotar e reduzir sua complexidade, pois cada parte qualifica singularmente em si sua interação com numerosos contextos atuais e históricos.

Diante de tal quadro seria correto afirmar que numerosos autores têm contribuído significativamente na revisão dos limites da teoria sistêmica, embora ainda não se possa afirmar que se tenha logrado a construção de um paradigma sistêmico. Elkaïm (1989/1990) propõe os conceitos de reuniões e ressonâncias⁶ como singularidades (culturais, subjetivas, familiares, relacionais, etc) que não se integram nos modelos teóricos e dizem respeito tanto aos processos da família como dos terapeutas que a atendem, bem como das instituições em que se encontram. É interessante notar que, com tais conceitos, Elkaïm inclui importantes relações entre dimensões comumente contrapostas nas teorias sistêmicas, como o atual e o histórico, os indivíduos e os sistemas, e o que se integra ou não nos modelos teóricos. Contudo, o autor não logra um desenvolvimento epistemológico mais abrangente e profundo que possa defini-las com maior precisão epistemológica. Este problema parece também acompanhar outras importantes contribuições da terapia familiar, como as noções de complexidade no sistema familiar (Ausloos, 1995), a construção da demanda (Sudbrack & Doneda, 1992) e a epistemologia do sentir (Pakmam, 1991) que procuram contemplar as próprias emoções em função de suas integrações com outros processos, seus momentos irregulares e imprevisíveis e suas dimensões sociais e individuais. Apesar disso, não se pode perder de vista que tais contribuições, além da importância prática em que implicam, poderão ser substanciais para desenvolvimentos posteriores. A própria obra de Selvini Palazzoli (Selvini Palazzoli, Cirillo, Selvini & Sorrentino, 1988/1998) apresenta contribuições significativas na crítica às teorias sistêmicas e para o pensamento complexo.

Nesse sentido, compreende-se que uma das principais dificuldades presentes na terapia familiar consiste ainda na própria influência holística também presente no nível da interação entre sistemas de idéias distintos. Vasconcellos (1998), ao apontar para uma grande proximidade entre pensamentos distintos, como o construtivismo e o construcionismo social, praticamente desconsidera as diferenças entre os mesmos, o que é passível de críticas principalmente

pela impossibilidade de diálogo que se estabelece. Uma vez que os sistemas de idéias não são compreendidos em suas singularidades e que as diferenças e os conflitos são excluídos do foco de análise torna-se difícil conceber a possibilidade de integrações e construções mais abrangentes. Sendo assim, ao mesmo tempo em que promovem rupturas com a simplificação dominante, os pensamentos sistêmicos e cibernéticos também se atrelam firmemente aos mesmos ampliando suas próprias contradições. Além das disjunções clássicas presentes no paradigma dominante (como teoria/prática e clínica/pesquisa) a construção do conhecimento científico na terapia familiar parece receber considerável parcela de inspiração desse paradigma. Moon, Dillon e Sprenkle (1990) ressaltam que apesar da afinidade existente entre os conceitos sistêmicos e cibernéticos e a pesquisa qualitativa, a metodologia tradicional de pesquisa (que envolve conceitos como neutralidade, objetividade, estatística, dentro de múltiplas noções isomórficas) continua sendo dominante na terapia familiar.

Dentre as diferentes ramificações do construtivismo (Mahoney, 1991), o construtivismo radical foi o que mais influenciou o movimento da terapia familiar. Apresentando muitos pontos comuns com a noção do observador de Bateson (1998), ele se constitui em importante tendência teórica de questionamento do isomorfismo dominante, ao preconizar que não é possível afirmar sobre uma correspondência entre a atividade da inteligência e o mundo real (*match*), mas apenas que é possível se referir a um encaixe (*fit*) entre as seqüências dessa atividade do intelecto que se volta para uma finalidade (von Glasersfeld, 1981/1994). Esse autor, além de enfatizar a questão individual e intelectual da construção da realidade, propõe ainda que a epistemologia deve se referir ao estudo de como a inteligência opera. A obra de Maturana (1996) promove considerável avanço no construtivismo radical, uma vez que inclui outras dimensões importantes da subjetividade, como o diálogo e as emoções que, segundo ele, constituem-se em disposições orgânicas para a ação. Verifica-se, contudo, que o construtivismo radical, embora compreenda importantes contribuições, apresenta-se ligado a certa forma de simplificação, como quando reduz a fonte do conhecimento e a epistemologia ao indivíduo⁷ ou ao conceber as emoções apenas em função de suas dimensões biológicas que mobilizam para a ação. É como se o autor ainda se mantivesse atrelado a uma noção linear em que as emoções mobilizam para algo⁸, sem destacar as múltiplas relações dialéticas e processuais que desenvolve com os demais sistemas e processos subjetivos. Desconsidera ainda a emoção como um processo subjetivo em si que possui suas bases biológicas, embora não se esgote nelas.

Compreende-se, por outro lado, que outras ramificações do construtivismo podem sugerir noções significativas para

6 Ressonâncias seriam os pontos de interseção entre as diferentes reuniões de singularidades provenientes da subjetividade dos indivíduos, famílias, instituições e coletividades. Podem compreender peculiaridades regionais, o tom de voz, a dança de comportamentos não verbais, etc.

7 Segundo Gergen (1996) tal problema se constitui no ponto morto do conhecimento individual.

8 O que Mahoney (1991) denomina como “*primer movers*”.

uma epistemologia complexa. Diversos autores (Mahoney, 1991; Guidano, 1994) sugerem, de suas respectivas maneiras, a importância de se reconhecer uma ontologia do real que não pode ser conhecida diretamente (conhecimento válido), mas com a qual se pode estabelecer um conhecimento viável. Apesar de não disporem propriamente de uma linguagem e de uma cosmovisão complexas autores como Greenberg, Rice e Elliot (1996) apontam para múltiplas formas de conexões que envolvem os processos emocionais, situando-as como um lugar de encontro da mente, do corpo, da cultura, do meio e da conduta (p. 76).

Em uma perspectiva distinta, o pensamento pós-moderno sustenta que os processos de construção de significados se dão incrustados nas relações sociais e nos processos culturais mais amplos. Ao criticar o isomorfismo presente no empirismo científico, Gergen (1985; 1996) numa perspectiva construcionista social⁹ propõe importantes fundamentos que procuram ir além do antigo embate entre o empirismo e o racionalismo na psicologia: 1) os termos com que compreendemos o mundo e a nós não são ditados pela realidade externa; 2) são artefatos sociais produzidos no intercâmbio situado histórica e culturalmente entre as pessoas; 3) prevalecem no tempo não devido à sua validade objetiva, mas às vicissitudes do processo social; 4) a significação da linguagem nos assuntos humanos é derivada do modo como funciona nas pautas relacionais. Na mesma linha de pensamento, Gergen e Kaye (1995/1998) apontam que o problema do conhecimento deve ser qualificado basicamente em torno de dois parâmetros: os “jogos de linguagem” em que as palavras adquirem sentido por seu uso nas relações sociais e, as “formas de vida”, em que tais jogos são embutidos, que comportam regras culturais mais amplas que não se restringem ao reino lingüístico, mas abrangem ainda movimentos corporais e objetos do ambiente¹⁰.

O problema da linguagem adquire um sentido fundamental no pensamento pós-moderno, principalmente no construcionismo social que é referido como ontologicamente mudo (Gergen, 1996). Diferentemente das noções cibernéticas iniciais, em que o sintoma era tido como um produto do sistema e a linguagem como um produto da estrutura social, os sistemas humanos passam a ser concebidos como sistemas lingüísticos geradores de sentido (Anderson & Goolishian, 1988). Dito de outro modo, a geração de sentidos ligados à patologia e à cura não se deve a uma disfunção do sistema familiar, mas à forma como se organiza a geração de significados em torno do problema. A própria noção de *self*, antes compreendida como entidade individual, passa a abranger os múltiplos cenários sociais em que cada um interage e gera sentidos (Anderson & Goolishian, 1994/1996) o que contradiz a idéia do indivíduo como a sede do pensamento, do juízo, da história, da

patologia e das emoções (Hoffman, 1992). Desse modo, o estudo das emoções passa, numa perspectiva construcionista (Gergen, 1996), tanto por uma geração de significados no intercâmbio social (sincronia) como num contexto histórico e cultural mais abrangente (diacronia): ao produzir emoções no intercâmbio relacional, a pessoa desempenha um papel num cenário mais amplo, de modo que a expressão do outro torna-se um convite para a participação em um jogo ou dança cultural em que os envolvidos se comprometem (pp. 272-275). Logo, estar furioso na leitura construcionista (Gergen & Kaye, 1995/1998) implica tanto no uso de certas palavras dentro dos jogos de linguagem, como também em certas ações corporais (p. ex. o ranger de dentes) que remontam às formas de vida em que os jogos de linguagem estão embutidos (p. 214).

Pode-se ressaltar que as propostas pós-modernas contribuem significativamente, quer para o debate epistemológico, quer para a possibilidade de uma construção complexa. A forma como situam a linguagem pode consistir em um nível integrativo ao pontuar os conhecimentos (inclusive o científico) como narrativas construídas nos processos humanos e não como retratos mais o menos fiéis do real. Ao mesmo tempo inclui a necessidade de uma construção mais local, baseada em singularidades sócio-culturais, que aponta para o caráter inacabado do conhecimento, uma vez que o conhecimento não pode esgotar a complexidade do real com que dialoga. Por outro lado, tais propostas também se encontram marcadas fortemente pela influência simplificadora, como se pode verificar no papel hipertrofiado que a linguagem assume. Despreza-se praticamente qualquer participação ativa do real e, ao mesmo tempo, desconsideram-se processos que não se esgotam nas construções lingüísticas, como as emoções e um conjunto de experiências indizíveis altamente marcadas pelo emocional, como se dá com experiências de êxtase religioso. Além disso, o social se sobrepõe ao sujeito, como se toda e qualquer experiência ou estado interno se esgotasse nas pautas interativas, o que consiste em um grave problema, pois a subjetividade individual, embora também social em muitos momentos, implica em zonas de sentido de fundamental importância para o estudo de processos como as emoções.

Passos Para Uma Articulação Complexa

No paradigma simplificador, objetividade e subjetividade são definidos basicamente por oposição, em que o primeiro se refere a uma condição fundamental para um conhecimento válido do real. No entanto, de acordo com a contribuição de muitos autores (Morin, 1983; 1991/1998; Gergen, 1996; Santos, 1987) a objetividade deixa de consistir num retrato fiel do real para se situar como produção de todo um interjogo subjetivo próprio das comunidades científicas em que se compartilham e definem o consenso sobre as regras de aceitação, pressupostos, crenças e valores da e sobre a ciência que fundamentarão a própria construção do que se concebe como objetivo. Além desse nível compartilhado e consciente, há também uma dimensão

9 O construcionismo social é considerado, segundo Gergen (1996), como um dos mais fiéis movimentos da pós-modernidade na psicologia.

10 Trata-se de uma referência à Wittgenstein também encontrada em outras obras do autor (Gergen 1985; 1996).

comumente velada e conflituosa das comunidades científicas em que se inserem as oposições entre teorias e metafísicas não ditas, conflitos pessoais em torno de simpatias, antipatias, frustrações e ambições (Morin, 1983). Sendo assim, pode-se comparar, na mesma linha de pensamento desse autor, que o que é objetivo é semelhante à ponta de um *iceberg* de um universo intersubjetivo, o que implica ainda em considerar que o objetivo, abrindo um espaço de diálogo com o real, permitirá também um conjunto de influências sobre tal universo. Desse modo, verifica-se que, a partir de uma dicotomia, a questão subjetividade-objetividade abre dois importantes eixos para o debate epistemológico de uma visão complexa. O primeiro deles consiste numa relação dialética entre ambos, em que cada um possui papel ativo na construção do conhecimento: à medida que o sujeito constrói sobre as zonas de sentido do real, este não se acomoda passivamente a tais construções e apresenta facetas novas, irregularidades, ruídos que levam o sujeito a novas formulações num processo de diálogo inacabado (Gonzalez Rey, 1997; Neubern, 1999a). Semelhante relação com o mundo favorece que o sujeito venha a se consistir em um dos momentos fundamentais da construção do conhecimento, ao invés de se configurar exclusivamente como um simples produto determinado de uma superestrutura, como se dá com o discurso e a pauta interativa em alguns autores pós-modernos (Gergen, 1996; Hoffman, 1992).

Ao considerar o sujeito como um momento fundamental para o conhecimento, toca-se no segundo eixo levantado que é o da articulação dos múltiplos momentos presentes nesse processo. Trata-se de um ecossistema global (Morin, 1991/1998) em que se articulam múltiplas dimensões como a dos sujeitos, das relações sociais, da sociedade, da cultura, da política, da economia, da noosfera¹¹, dentre outras, que remetem ao próprio sentido da palavra *complexus* levantada por Morin (1983; 1990/1996; 1991/1998): um todo formado pela articulação das partes, mas que não esgota as propriedades dessas partes. No que se refere à construção do conhecimento, tal discussão adquire considerável importância por levantar o próprio cenário de seu surgimento, ao mesmo tempo uno e múltiplo (*Unitas Multiplex*), que interfere decisivamente nessa própria construção. O mito da neutralidade afastou por muito tempo dos seios das comunidades científicas debates sobre a ideologia, a moral, os movimentos sociais e as guerras que não deixaram de promover importantes percursos e repercussões nos destinos da ciência. A ciência, inspirada pelo paradigma dominante no ocidente, compreende, ao mesmo tempo, uma postura ativa de conhecimento sobre o mundo e de cegueira sobre si, uma vez que não ousa lançar seus aguçados instrumentos sobre as condições e momentos históricos em que ela mesma surge.

11 Segundo Morin (1983; 1991/1998), que se apropria das concepções de Popper, além dos reinos das coisas materiais e das experiências vividas, haveria também um terceiro reino – o das coisas do espírito-compostos por sistemas de idéias (entidades logomorfas, doutrinas, teorias) paixões, mitos, seres cosmo-bio-antropomórficos e sistemas religiosos.

Nesse contexto, o problema das emoções reveste-se de considerável valor por consistir em um dos processos subjetivos de grande importância a ser compreendido nos processos humanos em geral e, especificamente, na construção do conhecimento científico. Seu estudo toca, não só os múltiplos níveis de articulação promovidos pelo diálogo entre pensamentos diversos, mas principalmente por promover, em conjunto com outros movimentos científicos, uma nova forma de re-inserção e reconhecimento da condição humana na ciência. Desse modo, o estudo das emoções enquanto processos subjetivos promove uma discussão em dois sentidos: a articulação entre contribuições distintas para compreendê-la como processo complexo da subjetividade e sua participação na promoção de um novo papel para o cientista. Justifica-se o primeiro ponto em função do segundo, pois uma visão complexa sobre as emoções poderia romper com a mesma cegueira epistemológica que distanciou o homem do cenário científico; justifica-se o segundo em função do primeiro, pois a partir de um conhecimento lançado sobre as próprias condições em que o conhecimento surge pode-se compreender melhor os percursos de estudo tomados sobre a subjetividade e as emoções humanas.

Buscando abranger a integração entre esses dois sentidos, Neubern (1999a) propõe a noção de fragmentos como idéias iniciais de uma visão complexa geradas a partir do diálogo entre diferentes contribuições que abrangem o cenário do conhecimento, a complexidade subjetiva e emocional e o papel do sujeito na construção científica.

- 1) O diálogo com o real que gera um conhecimento passa por momentos de diacronia e sincronia, mas não esgota a dimensão ontológica do real.
 - 1.1) O papel da diacronia remonta à construção cultural de um tema, enquanto o da sincronia às construções geradas na micropolítica social. No entanto, o papel ativo do real promove constantes reformulações nas construções do sujeito (conhecimento inacabado e processual).
 - 1.2) A linguagem não é a única dimensão na construção do conhecimento. Existem momentos referentes à subjetividade do pesquisador e às suas relações com o real presentes nessa construção que não se esgotam na linguagem¹² e atuam decisivamente em tais construções.
- 2) Deve-se privilegiar o cenário subjetivo dos sujeitos numa perspectiva que inclua as narrativas como momentos fundamentais da expressão subjetiva, mas que não se esgote nelas.
 - 2.1) A construção complexa inclui a elaboração de categorias que não se impõem à priori por seus conteúdos, mas permitem a articulação entre diversos de seus processos.

12 Tais como os sentidos, motivos, necessidades e configurações apontados por Gonzalez Rey (1997) em que as emoções se integram complexamente.

- 2.2) Isto implica em dois momentos de teorização em que a noção de singularidade é fundamental: um sobre a subjetividade e suas articulações entre dimensões classicamente distintas (atual x histórico; cognição x emoção; individual x social; consciente x inconsciente; etc) onde se delineiam interações entre necessidades, motivos, sentidos e configurações (Gonzalez Rey, 1997). Outro sobre uma teorização abrangente e científica do sujeito, em seu momento ativo, consciente e intencional.
- 2.3) A teorização sobre a subjetividade implica em uma noção de emergência entre dimensões distintas (corpo biológico – subjetividade – sujeito) que, embora entrelaçadas entre si e com relativa dependência mútua, não se esgotam umas nas outras e possuem relativa autonomia entre si – paradoxo autonomia-dependência (Morin, 1990/1996; 1991/1998). A noção de emergência implica em rupturas com determinações históricas (como no “livre arbítrio” dos sujeitos ao romperem relativamente com as determinações históricas da subjetividade em que se constitui).
- 3) O sujeito é auto-eco-organizado (Morin, 1990/1996), isto é, mantém um paradoxo autonomia-dependência quanto ao cenário do conhecimento.
 - 3.1) Ele recebe a determinação dos paradigmas dominantes que lhe impõe conceitos, formas de pensar e visão de mundo sobre seu conhecimento. Ele os internaliza e os reproduz.
 - 3.2) Porém, sob certas condições (Morin, 1991/1998), sua forma singular de qualificar as influências e contradições dos paradigmas e seu caráter ativo podem promover novos laços recursivos no cenário do conhecimento, implicando até em rupturas e revoluções.
- 4) A perspectiva de um paradigma e de uma epistemologia complexos abre espaço, portanto, para várias dimensões da construção do conhecimento no sentido do *Unitas Multiplex* em que existe uma diversidade de onde pode emergir certa unidade, mas que não anula as qualidades diversas das partes.
 - 4.1) Logo, as relações sujeito–comunidade científica dentro de um ecossistema sócio-cultural-noológico, comportam um todo em que os diversos momentos são atuantes sem se esgotarem dentro de uma super estrutura, apesar das determinações promovidas pelos paradigmas. A presença de múltiplas reuniões e ressonâncias (Elkaïm, 1989/1990) permite o resgate dos processos subjetivos na construção do conhecimento.
 - 4.2) O diálogo, antes suprimido pela tentativa homogeneizadora do paradigma dominante (verdade única), passa a possuir um caráter fundamental por permitir a construção de idéias que promovam a articulação entre noções distintas a partir de suas peculiaridades.
- 5) A subjetividade é complexa, multifacetada e integra dimensões classicamente opostas.
 - 5.1) Em cada cenário de ação social, o sujeito desenvolve um conjunto complexo de processos subjetivos que serão qualificados a partir de sua própria singularidade e ao longo de sua história. Entretanto, não se esgota nem mantém relações isomórficas com tais cenários.
 - 5.2) Cada sujeito é, desse modo, uma síntese singular e complexa dos cenários em que participa – noção de holograma (Morin, 1990/1996; Neubern, 1999-b).
- 6) Problemas criam sistemas, isto é, em torno de um problema organizam-se múltiplas dimensões da subjetividade, envolvendo indivíduos, grupos, instituições, comunidades, etc, que se inserem no ecossistema complexo onde surge o conhecimento.
- 7) As emoções são fenômenos complexos que abrangem múltiplas dimensões.
 - 7.1) Possuem um substrato biológico e se constituem enquanto ontologias subjetivas ao longo do desenvolvimento do sujeito que se dá em sua interação com o social. São, nesse sentido, internas, mas ligam-se de forma não linear com o espaço social. Compõem também um sistema interativo que implica na constituição de um sistema emocional, isto é, da conexão sistêmica das emoções individuais. São reconhecidas dentro de um discurso cultural que permite com que sejam designadas e construídas ao longo de seu processo.
 - 7.2) Implicam numa possibilidade de reflexão que as integre no cenário subjetivo¹³ apontando suas articulações com os demais processos ao longo de um percurso histórico e irreversível. As articulações devem manter um espaço de integração que não anulem uma dimensão em função da outra, mas permita a emergência de zonas de sentido mais complexas¹⁴.
- 8) A pauta conectiva entre as emoções do pesquisador e a situação em que se insere para estudo ressalta o valor epistemológico das emoções na construção do conhecimento. Ao permitir o reconhecimento, a valorização e a integração da subjetividade do pesquisador na construção do conhecimento, aponta-se para dimensões fundamentais desse processo, antes desprezados ou considerados como fonte de erro.

Verifica-se, então, que, embora não funde uma epistemologia complexa, a noção de fragmentos trazidas por Neubern (1999a) pode vir a consistir em um relevante passo para uma discussão mais abrangente nesse rumo. O diálogo en-

13 Conforme mencionadas na nota anterior.

14 Como a categoria sentido de Gonzalez Rey (1997) em que muitas emoções são integradas, mas existe uma qualidade emocional dominante que não suprime as contradições dessa multiplicidade. Os sentidos ligam-se a configurações e são comumente inconscientes.

tre sistemas de idéias distintos consiste, para tanto, em uma condição fundamental, pois apenas numa compreensão que abarque as idéias distintas dentro de sua própria perspectiva é que se pode buscar integrá-las dentro de uma compreensão no sentido do *Unitas Multiplex*. Por outro lado, o problema das emoções implica em um ponto fundamental para esse diálogo basicamente por dois motivos. Primeiramente por ter consistido em uma das dimensões subjetivas mais mutiladas ao longo da história dos estudos psicológicos. Pode-se compreender assim por meio de tal estudo como os obstáculos reducionistas permitem certo tipo de avanço, mas acabam impedindo o acesso de zonas de sentido fundamentais sobre os processos de emoções. Ao mesmo tempo, ao se vislumbrar a integração ao invés da redução, a articulação ao invés da disjunção, o diverso que permite um todo, mas que não anula o particular e ao se encontrar um espaço para o heterogêneo, para o contraditório, o irregular e o irreversível dentro de um processo histórico importantes perspectivas são abertas não apenas para o estudo das emoções, mas também quanto à instauração de uma nova forma de pensar. O segundo ponto consiste na própria condição humana do conhecimento que o estudo das emoções favorece conforme ressaltado precisamente no item nº 8. A quebra da dicotomia sujeito-objeto aponta para uma nova dimensão a ser qualificada na construção do conhecimento, principalmente porque a ciência deste século inclui a figura de um observador (Bateson, 1998; Capra, 1975/1983; Keeney, 1994; Morin, 1990/1996; 1991/1998; Prigogine & Stengers, 1984/1997) como um elo de fundamental valor para a compreensão do mundo. Contudo, diante de tantas perspectivas que caminham na direção de um novo paradigma, ainda se iniciam transformações mais abrangentes e profundas sobre a própria complexidade da subjetividade desse observador. Um grande desafio está colocado para a psicologia.

Considerações Finais: Um Retorno A Delfos

Na medida em que a ciência promoveu múltiplas disjunções e reduções para conhecer o mundo, propiciou uma cegueira sistematizada a respeito de si, do contexto e do cenário histórico em que surge, como também de seus próprios pressupostos epistemológicos (Morin, 1990/1996; 1991/1998; Santos, 1987; 1989). O conjunto de disjunções promovidos entre os diferentes momentos de construção do conhecimento revelam, além de tudo, outro tipo de cegueira fundamental: para que o cientista conheça o mundo, ele deve proceder a um rígido e sistemático processo de coerção de suas próprias expressões. Um policiamento rigoroso deve recair sobre suas palavras, pois estas devem se enquadrar em um conjunto de operações lógicas para serem submetidas à comprovação experimental. Seu mundo interno é submetido à intensa negação, uma vez que seus processos contraditórios e desordenados são reconhecidos como uma subversiva fonte de erro para a validade do conhecimento. O cientista anula-se como sujeito do conhecimento, pois, a princípio, é a realidade que deve emitir a

última palavra e como ser pessoal ele tem pouco ou nada a dizer sobre um conhecer válido do mundo. Repetindo o movimento social mais amplo da ciência, ele se recusa ao encontro com a antiga inscrição de Delfos: “Conhece-te a ti mesmo.”

No entanto, ao se pontuar que todo o conhecimento remete a um observador (Bateson, 1998; Capra, 1975/1983; Morin, 1990/1996; 1991/1998; Prigogine & Stengers, 1984/1997), isto é, que o observador consiste em um elo fundamental nos diversos encadeamentos da construção do saber, promove-se uma modificação radical que se liga a uma nova forma de se construir ciência. Torna-se necessário reconhecer que o cientista é sujeito do conhecimento (e não passivo ao arsenal experimental e às armadilhas teóricas) que dialoga com o mundo ao invés de buscar um controle obsessivo sobre o mesmo. Reconhecer o cientista como sujeito implica em dois pontos importantes: primeiramente, uma vez que não existe o compromisso com uma verdade única que corresponda ao real (conhecimento válido), mas o de um diálogo com o mesmo (conhecimento viável), abre-se a possibilidade do diverso e do singular na construção da pesquisa¹⁵. A diferença entre pesquisadores implica numa diferença de posicionamento de referência de observação, referência esta dada em boa parte por sua subjetividade. A construção da pesquisa implica em certo nível de generalização, mas abre espaço, sobretudo, para a construção de histórias singulares. Em segundo lugar, envolve o reconhecimento das dimensões subjetivas que garantem a possibilidade do diverso e do singular, como os processos emocionais. Embora se conceba que tal proposta se aproxima, de certa forma do senso-comum (Santos, 1987), ela implica em um sistema de conhecimento de princípios complexos, como novas noções sobre ontologia e cosmovisão do real, princípios para conhecê-las e para estabelecer relações recursivas entre seus momentos epistemológicos, teóricos e metodológicos (Neubern, 1999a). Em outras palavras, o conhecimento científico organiza-se de tal forma que permite e reconhece um caráter autobiográfico.

Nessa perspectiva, uma teoria complexa sobre as emoções novamente se insere como um ponto de valor, pois nesse diálogo com o mundo ele se mobiliza emocionalmente de diversas formas que remetem à sua história e à própria construção de sua subjetividade. Um dos pontos principais nesse sentido é que boa parte dessas experiências e processos emocionais não se esgotam em sua fala e muitas vezes permanecem nebulosas e obscuras, apesar de ativamente atuantes e até determinantes na própria construção que ele efetiva. Reconhece-se a necessidade de que um novo Delfos seja buscado para tal problema, pois importantes dimensões que participam do conhecimento têm

15 Santos (1987) aponta que Geertz, por exemplo, reconhece tal noção apenas para as ciências humanas. No entanto, malgrado as diferenças entre tais ciências (que se relativizam com as transformações atuais do paradigma) tal noção pode caber de algum modo para as ciências em geral.

algo a dizer sobre o mesmo como sobre o sujeito que o promove. É nesse sentido que Neubern (1999a) promove uma metodologia baseada em contextos interativos e de conversação com regras específicas e mediados por figuras que facilitem seu processo para promover a qualificação dessas dimensões numa perspectiva científica e até mesmo facilitar novos avanços no diálogo com o real. Um sistema de conhecimento que permita uma interação mais flexível e recursiva entre seus momentos de construção consiste em uma condição imprescindível para tanto, uma vez que o sujeito pesquisador deverá dialogar também com suas referências teóricas, metodológicas e epistemológicas (Gonzalez Rey, 1997; Morin, 1990/1996).

Contudo, o reconhecimento do sujeito do conhecimento, em que as emoções desempenham um papel fundamental, implica em uma noção mais abrangente de sua própria existência e participação na humanidade, o que lhe traz diversos tipos de responsabilidades éticas com a mesma. Sua subjetividade individual se vê interconectada em todo um processo de ecologia planetária¹⁶ (Bateson, 1998) numa nova visão em que as disjunções intransponíveis são aos poucos substituídas pelo diálogo e pela aproximação. Entre o cientista, o cidadão e o homem não se tornam necessários saltos consideráveis para transpor o que a influência do paradigma dominante afastou, pois novas conexões passam a ser traçadas. Tal se verifica não só no nível epistemológico, onde os sistemas de idéias buscam novas conexões, mas também no interior dos próprios sujeitos em que diferentes vozes reivindicam seu espaço com a própria voz de cientista. O conhecimento transforma-se também uma questão de autoconhecimento (Santos, 1987) e novos momentos de Delfos tornam-se necessários.

Referências

Anderson, H. & Goolishian, H. (1988). Human Systems as a Linguistic Systems: Preliminary and Evolving Ideas About the Implications for Clinical Theory. *Family Process*, 27, 371-393.

Anderson, H. & Goolishian, H. (1996). Narrativa e Self. Alguns Dilemas Pós-Modernos da Psicoterapia. Em Fried-Schnitman, D. *Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade*. (pp. 191-203) (J. H. Rodrigues, Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1994).

Ausloos, G. (1995). *La Compétence des Familles*. Paris: Érès.

Bateson, G. (1998). *Pasos Hacia Una Ecología de la Mente*. Buenos Aires: Lohlé – Lumen.

16 Segundo Bateson (1998): “La mente individual es inmanente, pero no sólo en el cuerpo. Es inmanente también en las vías y mensajes que se dan fuera del cuerpo; y existe una Mente más amplia de la que la mente individual es sólo un subsistema. La Mente más amplia es comparable a Dios, y talvez sea eso que algunas personas llaman “Dios”, pero sigue siendo inmanente en el sistema social interconectado y en la ecología planetaria.” (p. 492)

Bertalanffy, L. V. (1973). *Teoria Geral dos Sistemas*. (F.M. Guimarães, Trad.) Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1968).

Capra, F. (1983). *O Tao da Física*. (J. Dias, Trad.) São Paulo: Pensamento. (Trabalho original publicado em 1975)

Costa, L. (1998). *Reuniões Multifamiliares: Uma Proposta de Intervenção em Psicologia Clínica Comunitária*. Tese de Doutorado em Psicologia. Universidade de São Paulo, São Paulo.

Demo, P. (1997). *Conhecimento Moderno*. Petrópolis: Vozes.

Elkaïm, M. (1990). *Se me Amas Não me Ames*. (N. Silva Jr., Trad.) Campinas: Papirus. (Trabalho original publicado em 1989).

Gergen, K. (1985). The Social Constructionist Movement in Modern Psychology. *American Psychologist*, 40, 266-275.

Gergen, K. (1996). *Realidades y Relaciones*. Barcelona: Paidós.

Gergen, K. & Kaye, J. (1998). Além da Narrativa na Negociação do Sentido Terapêutico. Em McNamne, S. e Gergen, K. *A Terapia Como Construção Social*. (pp. 201-222) (C. Dornelles, Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1995).

Glaserfeld, E. V. (1994). Introdução ao Construtivismo Radical. Em Watzlawick, P. *A Realidade Inventada*. (pp. 24-45) (J. Santos, Trad.) Campinas: Psy II. (Trabalho original publicado em 1981).

Gonzalez Rey, F. (1997). *Epistemología Cualitativa y Subjetividad*. Havana: Ed. Academia.

Greenberg, L.; Rice, L. & Elliot, R. (1996). *Facilitando el Cambio Emocional*. Buenos Aires: Paidós.

Guidano, V. (1994). *El Si-Mismo en Proceso*. Barcelona: Paidós.

Hoffman, L. (1992). Un Enfoque Reflexivo para la Terapia Familiar. *Sistemas Familiares*, dez, 54-68.

Keeney, B. (1994). *Estetica del Cambio*. Barcelona: Paidós.

Kuhn, T. (1996). *A Estrutura das Revoluções Científicas*. (B. Boeira e N. Boeira, Trad.) São Paulo: Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1970).

Mahoney, M. (1991). *Human Change Process*. Nova Iorque: Basic Books.

Maturana, H. (1996). Realidad: la Búsqueda de la Objetividad o la Persecución del Argumento que Obliga. Em Pakman, M. *Construcciones de la Experiencia Humana*. (pp. 51-138) Barcelona: Gedisa.

Moon, S.; Dillon, D. & Sprenkle, D. (1990). Family Therapy and Qualitative Research. *Journal of Marital and Family Therapy*, 16, (4), 357-373.

Morin, E. (1983). *O Problema Epistemológico da Complexidade*. Men-Martins: Europa-América.

Morin, E. (1996). *Ciência com Consciência*. (M. Alexandre e M. Sampaio, Trad.) Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil. (Trabalho original publicado em 1990).

Morin, E. (1998). *O Método – As Idéias*. Vol IV (J. Silva, Trad.) Porto Alegre: Sulina. (Trabalho original publicado em 1991).

Neubern, M. (1999-a). *Fragmentos para uma Compreensão Completa da Terapia Familiar: Diálogos Epistemológicos Sobre as Emoções e a Subjetividade no Sistema Terapêutico*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade de Brasília. Brasília.

- Neubern, M. (1999-b). Subjetividade, Epistemologia e Psicologia do Conhecimento. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 13, 30-39.
- Pakman, M. (1991). Ética y Estética del Sentir: un Estudio Epistemológico. *Sistemas Familiares*. ago, 31-38.
- Pasquali, L. (1997). *Psicometria: Teorias e Aplicações*. Brasília: Ed. UnB.
- Prigogine, I. e Stengers, I. (1997). *A Nova Aliança: A Metamorfose da Ciência*. (M. Faria e M. Trinciera, Trad.). Brasília: Ed. UnB. (Trabalho original publicado em 1984).
- Santos, B. (1987). *Um Discurso Sobre as Ciências*. Porto: Afrontamento.
- Santos, B. (1989). *Introdução a Uma Ciência Pós-Moderna*. São Paulo: Graal.
- Schultz, D. & Schultz, P. (1981). *História da Psicologia Moderna*. (A. Sobral e M. Gonçalves, Trad.). São Paulo: Pensamento. (Trabalho original publicado em 1975).
- Sudbrack, M. & Doneda, D. (1992). Terapia Familiar e Adolescência: A Contribuição da Abordagem Sistêmica Para a Construção de Uma Estratégia de Acolhimento a Jovens Toxicômanos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 8, suplemento, 469-474.
- Selvini-Palazzoli, M.; Cirillo, S.; Selvini, M. & Sorrentino, A. (1998). *Os Jogos Psicóticos na Família*. (L. Coelho, Trad.) São Paulo: Summus. (Trabalho original publicado em 1988).
- Vasconcellos, M.J. (1995). *Terapia Familiar Sistêmica: Bases Cibernéticas*. Campinas: Papyrus.
- Vasconcellos, M.J. (1998). De Sistemas, Redes e Paradigmas. Associação Brasileira de Terapia Familiar. *Livro de Resumos, III Congresso Brasileiro de Terapia Familiar I Encontro Latino-Americano*. (p. 54) Rio de Janeiro.

Recebido em 21.10.1999

Primeira decisão editorial em 23.11.2000

Versão final em 01.12.2000

Aceito em 04.12.2000 ■

ASSINATURAS

Assinaturas de *Psicologia: Teoria e Pesquisa* podem ser solicitadas diretamente à:

Revista *Psicologia: Teoria e Pesquisa*
Secretaria de Divulgação
Universidade de Brasília - Instituto de Psicologia
70910-900 Brasília DF.

O valor da assinatura para indivíduos é R\$ 48,00 (profissionais) e R\$ 42,00 (estudantes); e para instituições é R\$ 75,00. Números avulsos para assinantes custam R\$ 14,00 (indivíduos profissionais), R\$ 13,00 (indivíduos estudantes) e R\$ 20,00 (instituições). Números avulsos para não assinantes custam R\$ 24,00 (indivíduos profissionais), R\$ 23,00 (indivíduos estudantes) e R\$ 37,00 (instituições). Valores sujeitos a atualização. Condição de estudante de graduação, ou pós-graduação, deve ser comprovada.

OFERTA ESPECIAL

Psicologia: Teoria e Pesquisa oferece um desconto especial de 20% na assinatura individual para estudantes de graduação ou pós-graduação para pedidos de, no mínimo, 10 assinaturas. A solicitação deste desconto especial deverá ser acompanhada de comprovante da respectiva instituição de ensino, ou carta assinada por professor, que ateste a condição de aluno dos solicitantes.